

GESTAÇÃO E PARTO: Retrato da Desigualdade Brasileira

Renata Andrea Santana de Lucia

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto.

Bolsista CAPES.

renatadeluccia@gmail.com

Simpósio Temático nº 05 – ARTE, PROCESSOS DE CRIAÇÃO E DE DIVERSIDADE DE GÊNERO

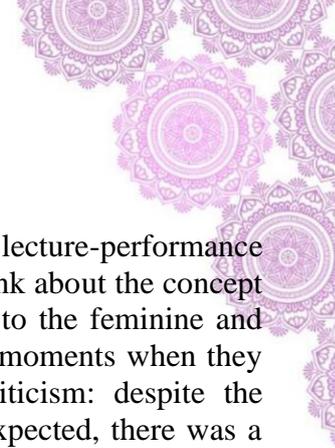
RESUMO

A comunicação oral discorre sobre o processo de criação de uma palestra-performance que aborda questões sobre a gestação, o parto e o aborto, relacionadas às suas profundas estruturas racistas, sexistas, patriarcais e transfóbicas que vitimam milhares de pessoas com útero no Brasil. A partir de proposições vivenciadas em três espaços educativos distintos, a artista experimentou e desenvolveu programas performativos e outros dispositivos para a criação de materiais audiovisuais, durante o curso de mestrado em Artes Cênicas no período de pandemia. Essas experimentações foram acompanhadas de estudos sobre feminismo negro, transfeminismo, interseccionalidade, decolonialidade e outras questões para pensar gênero, raça, classe e sexualidade e, num recorte específico, como essas questões operam no controle sexual e reprodutivo das mulheridades. Ainda, os estudos sobre performance, programa performativos e palestra-performance foram referências importantes para a construção da palestra-performance apresentada. Essa ação continua em desenvolvimento, mas é um importante espaço para pensar o conceito de mulheridades, entendidas pela artista como performatividades múltiplas que se relacionam ao feminino e inscrevem nas corpos diversas violências de gênero, sofridas ao longo da vida nos momentos em que elas operam. A ação procura exercitar a parresia inclusive em sua auto crítica: apesar das dificuldades tecnológicas e do resultado audiovisual não atingir o esperado, houve a possibilidade de criar uma cena-pensamento, que debate o assunto sempre urgente e necessário da violência obstétrica. Assim, a artista reafirma seu posicionamento ético, estético e político e, numa perspectiva mais ampla, contribui para o fortalecimento de novas epistemologias na cena contemporânea.

Palavras-chave: Mulheridades, Performance, Palestra-performance, Programa performativo.

ABSTRAT

Oral communication in this paper discusses the process of creating a performance-lecture which addresses issues about pregnancy, childbirth and abortion, related to their deep racist, sexist, patriarchal and transphobic structures that victimize thousands of people with uterus in Brazil. Based on propositions experienced in three different educational spaces, the artist experimented and developed performative programs and other devices for the creation of audiovisual material, during her Master's course in Performing Arts in the pandemic period. These experiments were accompanied by studies on black feminism, transfeminism, intersectionality, decoloniality and other issues to think about gender, race, class and sexuality, and, in a specific perspective, how these issues operate in the sexual and reproductive control of womanhood. Also, studies on performance, performance programs



and lecture-performance were important references for the construction of the lecture-performance presented. This action is still in development, but it is an important space to think about the concept of womanhood, understood by the artist as multiple performances that relate to the feminine and inscribe in the bodies diverse gender violence, suffered throughout life in the moments when they operate. The action seeks to exercise an inclusive parrhesia in its self-criticism: despite the technological difficulties and the audiovisual result not achieving what was expected, there was a possibility of creating a thought-scene, which debates the always urgent and necessary subject of obstetric violence. Thus, the artist reaffirms her ethical, aesthetic and political position and, in a broader perspective, contributes to the strengthening of new epistemologies in the contemporary scene.

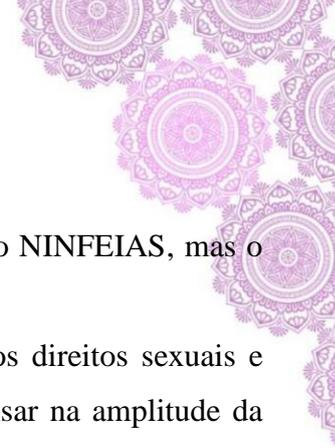
Keywords: Womanhood, Performance, Lecture-performance, Performative program.

INTRODUÇÃO

A artista apresenta um recorte de sua pesquisa de mestrado, em andamento, realizada no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal de Ouro Preto - PPGAC/UFOP, na linha de Processos e Poéticas na Cena Contemporânea, na qual transita pelo estudo da performance, interseccionada com práticas cidadãs e outras liminaridades presentes nas produções feministas da cena contemporânea. Analisa as ações artísticas, performativas e educativas realizadas desde 2018, junto aos coletivos de artistas feministas Marcas no Corpo, Nós Clandestinas e, recentemente, com o Núcleo de Investigações FEmInIstAS – NINFEIAS/UFOP.

No recorte delimitado, apresenta o processo de criação da vídeo palestra-performance *Como você nasceu: uma palestra-performance sobre o nascimento no Brasil*, que aborda questões sobre a gestação, o parto e o aborto, relacionadas às suas profundas estruturas racistas, sexistas, patriarcais e transfóbicas que vitimam milhares de pessoas com útero no Brasil. Conceitua o porquê se referir às pessoas com útero e apresenta o termo mulheridades, para reafirmar a diversidade de gênero. Ainda, tece estudos sobre feminismo negro, transfeminismo, interseccionalidade, decolonialidade e outras questões para pensar gênero, raça, classe e sexualidade e, num recorte específico, como essas questões operam no controle sexual e reprodutivo das pessoas com útero. No campo artístico, estuda conceitos importantes relacionados à performance, programas performativos e palestra-performance.

A palestra-performance foi criada na casa da artista, durante o período de isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19, com poucos recursos e conhecimentos técnicos para a adaptação ao formato do audiovisual. Mesmo com dificuldades, a artista experimentou e desenvolveu programas performativos e outros dispositivos que contribuiriam para o processo criativo, a partir de proposições apresentadas em três espaços educativos distintos, durante o mestrado em andamento. O



primeiro resultado foi apresentado na V Semana Afrofeminista promovida pelo NINFEIAS, mas o material continua em desenvolvimento durante a pesquisa.

A artista reconhece a obra como um importante espaço para tratar dos direitos sexuais e reprodutivos das pessoas com útero em nossa sociedade, bem como para pensar na amplitude da questão de gênero e nas violências promovidas contra as mulheridades. Em sua perspectiva, é uma ação que exercita a parresia, a construção de uma fala franca sobre a violência obstétrica, a criação de uma cena-pensamento que debate um assunto sempre urgente e necessário, ainda que invisibilizado e pouco abordado. Assim, a artista reafirma seu posicionamento ético, estético e político e, numa perspectiva mais ampla, contribui para o fortalecimento de novas epistemologias na cena contemporânea.

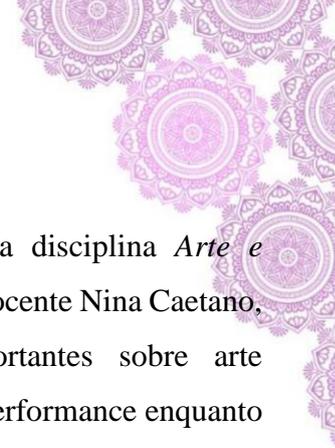
PORQUE FALAR DE MULHERIDADES E PESSOAS COM ÚTERO?

O conceito de mulheridades foi apresentado pela primeira vez pela atriz e mulher trans Mel Campus (Londrina – PR), durante as experiências do coletivo Nós Clandestinas. Naquele coletivo, a artista aprofundou o olhar sobre a questão de gênero e reconheceu que, apesar da complexidade e pluralidade das identidades de gênero, as mulheridades, entendidas como aspectos socioculturais ou mesmo biológicos que se relacionam ao feminino, e que atravessam, marcam e violentam determinadas corpos que as performam em determinado momento da vida, sejam pessoas não binárias, homens trans ou mulheres cis e trans.

Assim como as mulheridades, existir com o órgão reprodutor feminino pode imprimir violências específicas nas corpos, como a violência obstétrica. Por compreender que as pessoas não são definidas por suas características hormonais e pelo genital de nascença, que as possibilidades de identidade de gênero são diversas, a artista se refere às pessoas com útero na tentativa de abarcar as mulheres cis, pessoas não-binárias, homens trans e outras identidades de gênero que possuem útero e, por isso, podem viver uma gestação. Quando grávida, qualquer pessoa com útero está sujeita a vivenciar a violência obstétrica, assunto abordado na palestra-performance.

EXPERIMENTO 1: PALESTRA-PERFORMANCE

O material audiovisual *Como você nasceu? Uma palestra-performance sobre o nascimento no Brasil* foi criado a partir de disparadores criativos promovidos no NINFEIAS, na disciplina de



mestrado *Performance, Gênero e Feminismo* e no estágio de docência na disciplina *Arte e Contemporaneidade*. Esses espaços têm em comum a presença da performer e docente Nina Caetano, que promove experimentações performativas e provoca reflexões importantes sobre arte contemporânea interseccionada com o feminismo, em especial no que tange a performance enquanto linguagem.

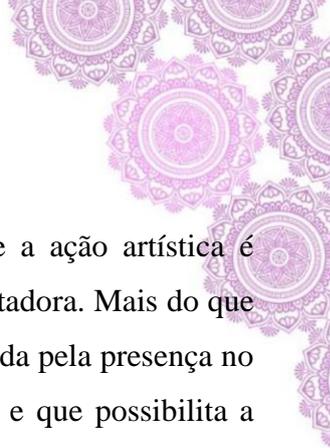
O primeiro disparador criativo foi vivenciado junto ao NINFEIAS, que propôs a produção, ao longo do semestre, de uma palestra-performance para apresentação na V Semana Afrofeminista, que foi realizada em julho de 2021. A palestra-performance é uma prática que cria espaço para a arte e a reflexão, uma espécie de crítica de artista, que permite elaborar e articular ideias, pensamentos e ações relacionadas aos acontecimentos do mundo, a partir de disparadores artísticos.

Para Daniele Avilla Small (2020), a palestra-performance é uma cena-pensamento, uma produção artística-reflexiva que busca redefinir os modos de produção de conhecimento, num processo sem neutralidade cujo conhecimento é atravessado pela pessoa, seu corpo e afetos na construção de saberes. Nesse processo criativo, o corpo que se coloca em jogo performa o saber em primeira pessoa, na apresentação dos modos de conhecer e dos dispositivos para mostrar o que se conhece, de modo a interligar a pessoa que fala e o seu enunciado, uma experiência na qual coexiste o fazer e o pensar.

Neste lugar da cena-pensamento a palestra-performance foi criada, com um roteiro elaborado a partir de reflexões sobre três importantes modos de gestar e parir no Brasil: a violência obstétrica, o parto humanizado e o aborto. Essas questões atravessam a experiência da artista como mãe, feminista e ativista, ao mesmo tempo em que se inscreve em diversas corpos socialmente vulneráveis de outras pessoas com útero que vivem na mesma sociedade patriarcal, machista, racista, sexista e transfóbica.

A gestação e o parto são pautas importantes para a luta feminista, já que o Estado se apropria do corpo e controla aspectos sexuais e reprodutivos das pessoas com útero que, quando estão em situação de gestação, ficam vulneráveis a sofrerem diversos tipos de violências. Ao lançar um olhar interseccional para a questão é possível perceber que a violência é direcionada com maior intensidade e frequência para a população negra, indígena, periférica e pobre, geralmente a parcela da população mais vulnerável e sujeita às violências institucionais e estruturais.

É importante compreender que essas fronteiras que se borram entre vida, arte, criação e linguagens artísticas são características presentes na arte da performance. É um processo artístico

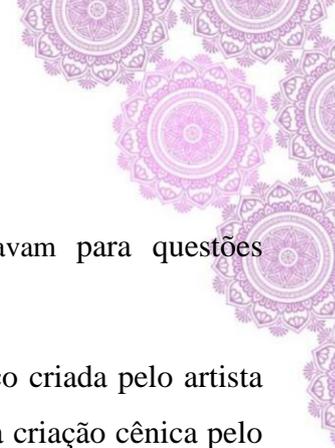


híbrido, sujeito a interferências, que se materializa no tempo-espaço em que a ação artística é realizada, bem como na relação intersubjetiva que se dá entre performer e espectadora. Mais do que um produto acabado, para a arte da performance interessa a experiência provocada pela presença no ato performativo. É um lugar de desestabilização, de ruptura com o ordinário e que possibilita a experimentação do corpo em atos disruptivos e evidenciam o lugar do corpo político, como ele se coloca no mundo e em relação às pessoas. No caso da palestra-performance, a produção possibilitou a criação de um discurso sobre um assunto invisibilizado enquanto ato performativo, ou como define Lia da Rocha Lordelo (2020), uma prática cujas fronteiras entre a arte e o discurso sobre ela se confundem.

Na palestra-performance, a artista aparece vestida de branco, com fundo e luz brancas. Sua fala descreve as relações que podem se estabelecer no processo de gestação e parto, em especial relacionada à violência obstétrica, ao parto humanizado e ao aborto. Enquanto apresenta dados importantes sobre a temática, apresenta cenas de ações artísticas e performativas realizadas por ela. No final de sua fala, apresenta o Manual de Sobrevivência ao Aborto Clandestino, que será descrito mais à frente.

Neste processo da experiência-escrita do roteiro da palestra-performance, a artista considerou alguns signos importantes para a composição da imagem, como a predominância do branco, uma forma de remeter à branquitude e a higienização do corpo e do nascimento, bem como todos os procedimentos médicos, cirúrgicos e estéreis que docilizam corpos e que são entendidos por ela como uma maneira de sustentar a dualidade corpo-mente. Ainda, criou material cuja visualidade dialogou com produções institucionais, quase como uma aula sobre saúde reprodutiva, com rupturas que desestabilizassem essa lógica, para promover a dúvida sobre a agente do discurso: profissional da saúde ou artista.

Para a composição da palestra-performance a artista revisitou lugares da memória e trouxe materiais de repertório, arquivos pessoais, vídeos, imagens e outros materiais que contribuíram com a composição imagética do vídeo, além de aprender, ainda que superficialmente, novas técnicas e metodologias, como iluminação, edição de imagem e som, entre outros elementos do audiovisual, que se tornou tão importante no contexto de pandemia. Além da definição da temática e a composição do roteiro, a artista também experimentou alguns dispositivos e programas performativos que foram disparadores criativos para outras ações, propostos na disciplina e no estágio de docência. Duas dessas



experimentações fizeram parte da composição da ação final, pois apontavam para questões relacionadas à temática escolhida.

Um desses dispositivos foi baseado na noção de corpo multi-epidérmico criada pelo artista austríaco Friedensreich Regentag Dunkelbunt Hundertwasser e adaptada para a criação cênica pelo prof. Dr. Éden Peretta. A teoria das cinco peles descreve o corpo constituído pela epiderme, vestimenta, casa, identidade social e planeta, que alcançam múltiplas dimensões a partir das relações que estabelece entre as peles. O enunciado do dispositivo solicitava que cada participante escrevesse duas palavras para cada pele e, em seguida, escolhesse apenas duas das palavras escritas e buscasse no ambiente doméstico um objeto que as representasse. A partir da escolha, cada um deveria definir uma composição de imagem ou ação realizada com o objeto e apresentar ao grupo.

As palavras escolhidas levaram à seleção de uma meia preta de adulto, suja. A experimentação do objeto conduziu para a ação de colocar a meia na boca e mantê-la durante um tempo até cuspi-la. Estava enunciado o programa performativo: *Colocar meias na boca, uma a uma, até não caber mais. Cuspir as meias lentamente, até esvaziar a boca*, que posteriormente foi incorporado na palestra-performance.

De maneira geral, o programa performativo enuncia as ações, articuladas e conceituadas previamente, a serem realizadas pela artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. Eleonora Fabião (2013) inaugurou este conceito para descrever os procedimentos que contribuem para a desconstrução da representação e cuja experimentação gera novas relações com as corpas, negociações de pertencimento, afetos, o que culmina numa experiência psicofísica e política potente, inscrita em temporalidade muito diversa daquela encontrada no processo e no espetáculo teatral.

O programa performativo criado remeteu à ideia da sobrecarga doméstica, especialmente evidenciada no contexto de pandemia, mas que está presente na vida de muitas pessoas cuidadoras de crianças, trabalhadoras brasileiras, assim como a artista. Essa sobrecarga é um trabalho não reconhecido pelo Estado brasileiro e habita a invisibilidade social e o silenciamento de vozes que abdicam de si para o cuidado do outro e muitas vezes estão sozinhas, abandonadas e/ou em contextos de vulnerabilidades e violências.

Outro dispositivo que desdobrou em prática para compor a ação final foi a experimentação livre de diferentes gêneros textuais para falar de um desconforto fresco para um problema antigo (FABIÃO, 2013). Poderiam ser escritos manuais de instrução, verbetes, slogan, classificados de jornal, manifestos, cartas, contratos, declarações de princípios, testamentos, dentre outros gêneros textuais, que tivessem sua forma extrapolada para um material sonoro e, em seguida, transposto



para uma ação, de preferência audiovisual.

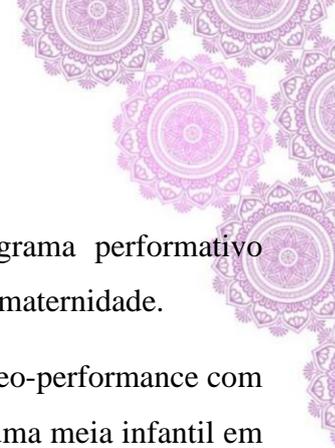
Nessa criação um desconforto fresco veio a tona: a questão da criminalização do aborto no Brasil. Para tratar do assunto, foi escrito o *Manual de Sobrevivência ao Aborto Clandestino*. É preciso considerar, antes de tudo, que o contexto de ilegalidade do aborto no Brasil é uma violação dos direitos sexuais e reprodutivos de pessoas com útero e o recorte racial expõe as pessoas com útero negras, indígenas e periféricas às maiores vulnerabilidades com relação ao abortamento inseguro, bem como à negligência, violência e/ou omissão de socorro na assistência obstétrica, sendo que essas pessoas estão entre os maiores índices de óbito materno.

A maternidade e, num recorte mais amplo, a sexualidade das pessoas com útero, é regulada e controlada em nossa sociedade desde a o princípio da vida das crianças, por meio de marcadores sociais, como por exemplo o uso de brinco em bebês identificadas como pertencentes ao sexo feminino, ou a precoce diferenciação da educação das crianças, na qual meninas são estimuladas a cuidar e os meninos a explorar o mundo. A criminalização do aborto é o extremo do controle social de aspectos reprodutivos e sexuais das pessoas com útero.

O Brasil da atualidade vive um intenso retrocesso social, econômico e político, sob a direção de um presidente incapaz, negacionista e genocida, que permitiu o agravamento da pandemia da COVID-19, a ponto de vitimar mais de 600 mil pessoas contaminadas pela doença, além de milhares que tiveram vulnerabilidades sociais agravadas pelo aumento da violência, da fome, da negligência do Estado, bem como o recorrente ataque aos direitos sociais. Um exemplo desse retrocesso é o projeto de lei 5435/2020 que tramita no senado federal. O Estatuto da Gestante visa impedir que a pessoa interrompa a gravidez em caso de estupro e, em condições de vulnerabilidades sociais e econômicas, possa ser assistida pelo governo com um benefício social, popularmente chamado de bolsa estupro.

A violência de gênero é uma realidade cotidiana na vida de milhares de pessoas em nosso país e, no caso do aborto, evidencia a estrutura desse sistema racista e desigual, que expõe determinados corpos às maiores vulnerabilidades, violências, falta de acesso aos métodos mais seguros e ao risco de morte. Revisitar a questão do aborto evidencia ainda mais as desigualdades promovidas pelo sistema, que imprime marcas de violência mais intensas e cruéis quando a corpa é não branca e periférica.

O texto do manual trouxe questões legais relacionadas ao abortamento inseguro, passando por dicas sobre saúde, cuidados necessários para reduzir o risco de morte, até chegar na escolha da pessoa com útero e a importância do movimento feminista como rede de apoio e proteção. Era dividido em



dez passos e, a partir da criação da sonoplastia, foi relacionado ao programa performativo desenvolvido, já que ambos tocaram em desconfortos frescos para a questão da maternidade.

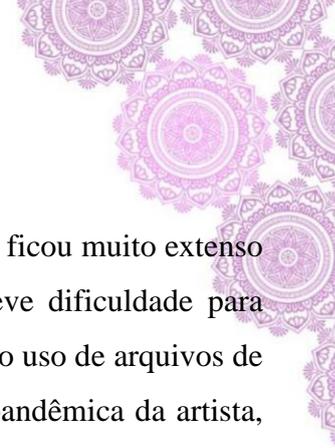
Para acrescentar mais uma camada de significação, a artista fez uma vídeo-performance com a sonoplastia do manual e, na medida em que enunciava cada passo, colocava uma meia infantil em sua boca, até que ela estivesse cheia. No décimo passo não cabia mais meias e, pouco a pouco, elas foram saindo da boca até esvaziá-la. A composição criada com a junção dessas duas ações remeteu ao processo de fortalecimento e cuidado que se estabelece quando habitamos redes feministas, especialmente no que tange a luta pela descriminalização do aborto. Foi este material que finalizou a palestra-performance.

ADAPTAÇÕES PANDÊMICAS: A EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL

A composição da palestra-performance foi um grande desafio em todos os aspectos, desde a compreensão do conceito dessa nova linguagem que promove a cena-pensamento até o aprendizado de novas tecnologias para a composição, captação e edição do material audiovisual. A artista também enfrentou limitações técnicas, por falta de acesso aos equipamentos adequados para a produção de vídeo e por estar em isolamento social no contexto de pandemia no Brasil, que refletiu em limitações espaciais, na falta de local apropriado para experimentações cênicas, somado ao cotidiano sobrecarregado da artista, mãe e pesquisadora.

Ainda que tivesse muitas limitações, a artista criou a palestra-performance e se abriu para as proposições audiovisuais, o que possibilitou a criação de materiais artísticos que disparam zonas de desconforto e foram essenciais para a resignificação do ambiente doméstico e a ampliação do olhar sobre novas possibilidades de criação. Nesse processo de composição pode compreender mais sobre a linguagem da palestra-performance e encontrou um caminho para declarar sua crítica de artista.

A artista identificou em sua palestra-performance o exercício da parresia, definido como uma fala franca, que expressa a coragem da verdade (SMALL, 2020) e sustenta uma posição crítica sobre um assunto polêmico. Neste caso, trouxe nitidez para aspectos silenciados e cotidianos relacionados ao aborto, à violência obstétrica, à falta de acesso aos modos de nascer seguros, às questões raciais e sociais envolvidas. Além disso, é uma crítica ao sistema obstétrico, ao modelo médico que higieniza processos naturais e minam a autonomia corporal das pessoas com útero.



Por um lado, o resultado não atendeu às expectativas estéticas da artista, ficou muito extenso e não produziu as visualidades e as camadas de sentido pretendidas. Ela teve dificuldade para compreender todas as nuances envolvidas numa criação audiovisual e optou pelo uso de arquivos de repertório e memória, o que deixou de registrar, em grande medida, a corpa pandêmica da artista, isolada e sobrecarregada, a procura de conciliar o cotidiano doméstico com os novos modos de produzir artes do corpo de forma remota.

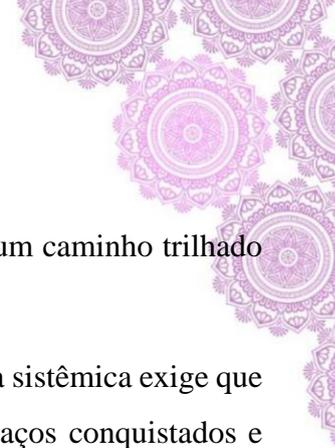
Por outro lado, a realização desse experimento abriu um novo caminho de pesquisa que a artista continua a investigar e criou um material artístico que lançou luz para elementos coletivos relacionados com a violência de gênero, que são urgentes de serem debatidos em nossa sociedade. É fundamental não perder de vista que a violência de gênero é uma realidade crescente na vida de milhares de pessoas em nosso país e este quadro tem se agravado desde o início da pandemia, com o aumento significativo nos índices de violência doméstica, conforme aponta recente o Mapa de Violência, lançado pelo IPEA (2020), assim como a fome, a negligência do Estado, o negacionismo, a destruição da memória viva e cultural do país, o recorrente ataque aos direitos sociais e inúmeros outros exemplos desse desgoverno genocida que dizima a população e agrava ainda mais a desigualdade social.

Diante de um contexto cuja violência de gênero opera como lugar comum, a pesquisa feminista é necessária e urgente, assim como a elaboração de práticas que trazem luz para questões coletivas, inclusive aquelas suscitadas a partir de aspectos autobiográficos, desde que estejam implicadas enquanto ato ético, estético e político.

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sobrevivência enquanto artista, mãe, pesquisadora, feminista e trabalhadora da cultura no contexto de pandemia do Brasil é um ato de resistência e luta pela equidade de direitos, pela desestabilização de estruturas hegemônicas, do controle e da ordem. Neste contexto, a palestra-performance foi uma linguagem importante que contribuiu para a reflexão e o aprofundamento do pensamento crítico, na produção de novos sentidos, significados e modos de existir no mundo.

Por isso a artista busca contribuir com os visíveis avanços na construção de pensamentos feministas, com a consciência de que ainda há muito a conquistar em termos de direitos para que todas as mulheridades vivam em segurança e plenitude, numa sociedade mais equitativa e justa. A



luta é constante, mas não é solitária e a participação em coletivos feministas é um caminho trilhado pela artista para se localizar no mundo de maneira estética, poética e política.

A tentativa do sistema de silenciar as mulheridades por meio da violência sistêmica exige que as pessoas se mantenhamos sempre vigilantes e atentas, para sustentar os espaços conquistados e avançar. Essa pesquisa é um caminho para potencializar as mulheridades e legitimar cada vez mais a prática feminista na cena contemporânea, além de criar novas discursividades e trazer para o debate questões invisibilizadas e que violentam pessoas cotidianamente. É uma tentativa de combater essa realidade tão dura sustentada pela violência do patriarcado e de, em tempos de ódio, manter a esperança num futuro menos distópico.

REFERÊNCIAS

FABIÃO, Eleonora. *Programa performativo: o corpo-em-experiência*. ILINX – Revista do LUME. n. 4, p. 1-11. Campinas, 2013.

FISCHER-LICHTE, Erika. *A cultura como performance: desenvolver um conceito*. Sinais De Cena, p. 73–80. Lisboa, 2005.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. *Atlas da violência 2020*. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>>. Acessado em: 20 de abril de 2021.

LORDELO, Lia da Rocha. *Códigos e fronteiras na palestra-performance: por uma poética do conhecimento*. Revista Repertório, ano 23, n.35, p. 302-319. Salvador, 2020.

PERETTA, Éden. *As cinco peles: a investigação de si como matriz dramaturgica no ensino de dança*. In: Anais do II Congresso da Anda, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://proceedings.science/anda/anda-2012/papers/as-cinco-peles--a-investigacao-de-si-como-matriz-dramaturgica-no-ensino-de-danca>>. Acesso em: 03 de julho de 2021.

GIRÃO, Eduardo. *Estatuto da gestante: PL 5435/2020*. Senado Federal. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/145760>>. Acessado em 03 de setembro de 2021.

SMALL, Daniele Avilla. *Palestra-performance, Crítica de Artista*. In: Questão de Crítica. Disponível em: <<http://www.questaodecritica.com.br/2020/12/palestra-performance-critica-de-artista/>>. Acessado em: 06 de setembro de 2021.